



As funções litúrgicas das ordens sagradas ao longo da história

Enrique Illarze, oasb.*

SINOPSE

O trabalho tenta mostrar como cada uma das Ordens Sagradas ocupou seu lugar no culto cristão, quais as funções que elas assumiram e a sua evolução na história eclesiástica, para terminar com um detalhado estudo no marco do Anglicanismo. O primeiro capítulo apresenta uma breve visão antropológica e teológica, e ato seguido entra no cristianismo, para analisar as bases Escriturais e de Tradição, ver as razões da Ordenação e começar um aprofundamento de documentos dos quatro primeiros séculos da Igreja, tanto no Oriente quanto no Ocidente, de forma inclusiva, com reflexões, que além de sua função óbvia, servem para expressar a opinião do autor. O capítulo segundo dedica-se ao período medieval e estuda as funções litúrgicas das três Ordens através de dois dos mais antigos documentos da coleção dos Ordines Romani. Extrai deles a informação requerida e vê seu desenvolvimento no tempo e geografia européias. Apresenta os primórdios da Liturgia nas Ilhas Britânicas, introduzindo de forma sumária o Uso de Sarum. O terceiro e último capítulo aprofunda o Uso de Sarum e encara o tema da Reforma Inglesa do século XVI, com o Ordinal de 1550 até nossos dias, analisando detalhadamente: a) as funções tal como elas aparecem no Livro de Oração Comum (LOC) de 1662, até o ano 1840; b) as mesmas, baseadas no mesmo LOC, mas sob a influência dos movimentos Anglo-Católico e Ritualista, no período de 1840 – 1980; c) as reformas dos LOCs desde 1980 até o presente, em várias Províncias da Comunhão Anglicana. Termina-se com as conclusões, nas quais se discorre sobre como o Anglicanismo enfrentou as mudanças e desenvolvimentos nas funções das Ordens Sagradas; como conseguiu preservar a Tradição, e, o que é muito mais importante, como preservou sua Unidade, aceitando o desafio da diversidade, usando para isso as ferramentas da razão, do amor e da abrangência, enriquecendo desse modo a toda Comunhão Anglicana.

Tentou-se, sempre que possível, estudar as fontes nas suas línguas originais, ou em traduções diretas e literais em língua inglesa. As versões para o português são

* O autor é Professor no SETEK. O presente texto foi condensado da monografia de mestrado em teologia na EST de São Leopoldo.



peçoais. Este trabalho, além do interesse pessoal no tema (que foi a principal motivação), e que foi apaixonante pela pesquisa requerida, tem também o objetivo de dar uma pequena contribuição para a reflexão do tema da ordenação diaconal nas instâncias de discussão interna da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil (IEAB).

Alicerces do Tema.

1. *Antropologia* - A experiência religiosa é, por um lado, pessoal e intransferível, mas por outro tem também um sentido altamente social¹, e ambos interagem e se influenciam mutuamente. Essa experiência dialógica entre o ser humano e o Transcendente (e que é parte de nosso “esse” humano), ao institucionalizar-se nos inícios da história, começou também a ter uma certa “especialização”, que dependia de certo “fervor e eficácia pessoais”² e tinha como objetivo fazer com que certas pessoas atuassem como mediadores, homens/mulheres “santos”, sacerdotes/sacerdotisas (em *latu sensu*), ou pessoas dotadas de autoridade no contexto social (chefe do clã ou tribo, rei, *pater familias*) que seriam construtores da ponte entre a divindade e os humanos. Em todos os casos, essa especialização em ocupar-se das coisas da deidade, o conhecimento sobre como lidar com ela, o monopólio sobre essa tarefa e o caráter mediador e intercessor levou a que, por um lado, a sociedade desse a essas pessoas uma certa autoridade, e por outro, a que elas se apropriassem de outra fatia de autoridade dentro da sociedade. Isso foi assim, conforme Leeuw³ porque ao lidarem com o PODER (o Sagrado), eles ficavam como

¹ W. A. PIAZZA, *Introdução à Fenomenologia Religiosa*, p. 119.

² id., *ibid.*, p. 119.

³ Gerardus van der LEEUW, *Religions in essence and manifestation*, pg. 47.



que "infectados" ou "contagiados" de poder divino e deviam, por tanto, ser respeitados e obedecidos. Leeuw diz que eles são "portadores de poder".⁴

Dentro do sacerdócio como um todo, esse poder mostram-se com maior o menor força (ou concentração) em determinadas pessoas e surge assim a hierarquia, que é não só pessoal, mas também impessoal, no sentido de que no membro mais simples da escala hierárquica ela está também na sua plenitude, só que com menos brilho⁵. Isso significa que o que é feito pelo sacerdote adquire um valor supramundano, o que se revela sobretudo nos momentos *litúrgicos*, dentro dos quais o do *sacrifício* tem uma especial relevância, ainda que não seja o único, nem necessariamente o mais importante, pois isso dependerá das cosmovisões e das crenças religiosas de cada comunidade.

Para poder desempenhar suas funções próprias essas pessoas "especializadas" em deidade devem passar por um período relativamente longo de treinamentos e provas, e existem normas precisas para entrar nesse grupo (razões de sexo, herança, aptidão e/ou dons especiais, provas que apontem a escolha da divindade e a ratificação da comunidade) e por fim há uma cerimônia especial, a partir da qual, o até então "candidato" muda seu *status* e integra-se a um novo grupo: *ordo*, fraternidade, confraria, utilizando-se muitas vezes elementos simbólicos de morte/vida, semelhantes a outros ritos de passagem. Esse ingresso no novo grupo implica o reconhecimento que essa pessoa, daí em diante tem uma especial autoridade e poder para realizar serviços religiosos especiais: serviço aos deuses/as,

⁴ id., *ibid.*, p. 219.

⁵ HEILER, *Katholizismus*, p. 266, apud: Id., *ibid.*, p. 220/1



sacrificar, comunicar-se com poderes espirituais, repelir forças maléficas, sarar, aconselhar, purificar, expressar a vontade divina, julgar, interceder. O termo usado normalmente para designar esse homem ou mulher é: sacerdote/isa, mas existem outros: xamã, rabí, imã, monge, laos/ebomim/aoforixá, pajé, obreiro, pastor, diácono, ministro, bispo, presbítero, ancião, pontífice, conforme as diferentes tradições⁶. Com referência ao Ocidente cristão, Leeuw, numa visão muito conservadora e citando a Heiler⁷ afirma que o sacerdote é o custódio da vida de Deus e da vida do universo, oferecendo sacrifícios a Ele, dispensando ou negando a Sua graça sobre a comunidade, e isso apesar de suas limitações e fraquezas humanas. O cristianismo primitivo tem sido desde Inácio muito consciente da tensão existente entre a pessoa e a função sacerdotal, mas tanto Roma quanto a Ortodoxia oriental tem defendido sempre a eficácia das Ordens Sagradas, apesar da indignidade dos portadores das mesmas. O "caráter" (selo) recebido na Ordenação é indelével e qualifica permanentemente. Na história da Igreja as Ordens tem sido nuclearmente três, apesar de acréscimos posteriores e recebem os nomes de episcopado, presbiterado e diaconato, cada uma com funções próprias (ainda que as duas primeiras estivessem indiferenciadas nos primórdios).

Essas funções eram de diferentes tipos: administrativas, assessoramento, serviço, coordenação e supervisão, e litúrgicas propriamente ditas, mas todas achavam sua mais pública expressão na celebração litúrgica, pois o entendimento era (e é?) que a função própria e específica do *sacerdos Dei* "é a de servir no altar e

⁶ J. SEVERINO CROATTO, *Los lenguajes dela experiencia religiosa*, p.239.

⁷ . W. A . PIAZZA, op. cit. p. 124



celebrar o divino sacrifício”⁸. No cristianismo, a passagem do *laos* (povo) comum para um *ordo* especial efetua-se através de uma cerimônia especial chamada de “ordenação” para diáconos e presbíteros e de “sagração” para os bispos, ainda que esses nomes tenham também mudado ao longo do tempo nas diferentes tradições, como por exemplo, na Igreja romana, que usa agora a palavra “ordenação” em todos os casos.

2. *Bíblia e Teologia*.- O estudo das “Ordens” e da ordenação no Novo Testamento e na Igreja primitiva está cheio de problemas, muitos dos quais já foram explorados em profundidade. Deve ser notada também a contribuição para os métodos de estudo do uso de fontes rabínicas⁹, dos rolos do Qumrã¹⁰ e dos gnósticos (biblioteca de Nag-Hammadi)¹¹. O material neotestamentário inclui algo de evidência primária, mas deve ser vinculado à tradição das ordens e da ordenação como um todo na vida da Igreja dos primeiros séculos. O que resulta claro da leitura do NT é: a) que não existe uma única forma de ministério no NT, nem (diretamente) uma única e unificada base teológica para o mesmo; b) não existe uma significativa distância entre formas de ministério leigas e clericais; c) que todos os ministérios têm a sua origem em Cristo e são exercidos por pessoas conforme os dons recebidos do Espírito e/ou por escolha nas comunidades (e de alguns ainda não se sabe bem como surgiram); d) nota-se uma tendência a desenvolver uma visão teológica unificada, mas ela não emerge claramente dos textos mesmos neotestamentários, e se expressará

⁸ HEILER. Op. cit.. in: Id., *ibid.*, p.220/1

⁹ Th. M. LUDWIG, ORDINATION, ap. M. ELIADE, *The Encyclopedia of Religion*, v.11, p. 97-105

¹⁰ Theobald GASTER, *The Scriptures of the Dead Sea*, p. 308-310

¹¹ J. M. ROBINSON, *The Nag-Hammadi Library in English*, p.39; d.h.tripp, *Gnostic Worship*, p.43.



claramente apenas nos textos do século II.¹² A evidência básica do NT pode ser expressa de quatro formas:

1) O ministério dos *doze*, insubstituíveis, partícipes da vida pública de Jesus e que partilharão com Ele o governo escatológico do povo de Deus. Tal fato lhes assegurou um lugar especialíssimo na tradição da Igreja (Lc 22,30; Ap 21,14) como tais, e não só porque eram apóstolos. 2) O ministério dos *apóstolos*, com o significado paulino de serem comissionados pelo Senhor ressuscitado, sendo seu ministério parte do "advento" do Evangelho. A especificidade do "apóstolo" reside no fato de que ele, sob o Espírito, conserva a tradição das palavras e obras de Jesus; é através dele que uma Igreja se estabelece, pela qual ele é responsável e sobre a qual tem uma certa autoridade: Paulo, Andrónico, Júnio, por exemplo.¹³ 3) O ministério dos *profetas e mestres*, que junto com os apóstolos constituíam o ministérios dos "carismas maiores"¹⁴ e são uma amostra da ação do Espírito Santo na Igreja, e tal como os apóstolos eles também expressam e interpretam a tradição numa forma que expõe o evangelho e cria uma resposta cristã ao mesmo. 4) O ministério das *lideranças comunitárias* que recebem diferentes nomes: dirigentes, anciãos (*presbiteroi*), presidentes, supervisores (*episkopoi*), assistentes ou diáconos (*diakonoi*) Existem duas listas de ministérios em 1 Co 12,28 e Ef 4,11, que não se referem claramente às funções acima citadas mas que coexistiram com elas.

As tendências à unidade apesar do multimorfismo ministerial expressa-se: a) na manutenção da tradição da tipologia que preserva o significado escatológico do

¹² Frank HAWKINS, *Orders and Ordination in the N.T.*, p. 340

¹³ Id., *ibid.*, p. 341.

¹⁴ Idem. P. 342.



ministério; b) na ênfase colocada na ação do Espírito de que todos os carismas são dons divinos, assim como a ordem e prioridade entre eles¹⁵; c) no desenvolvimento da idéia (em Lucas principalmente) de que a base da unidade eclesial está na "apostolicidade". O testemunho dos apóstolos e das tradições apostólicas cria, sob a orientação do Espírito, a unidade e autenticidade da Igreja. O sentido de apostolicidade no contexto da "ordenação" ministerial recebe grande força como ferramenta de contenção à influência gnóstica surgida nos fins do séc. I e começos do séc. II, que privilegiava a revelação imediata e direta. Sustentou-se a necessidade de ter uma teologia unificada sobre a Igreja, o ministério e os sacramentos. Uma ênfase especial foi dada à tradição da nomeação ministerial através da "ordenação", quicá em contraste com a popularidade das formas carismáticas de ministério mais presentes nas comunidades gnósticas.

Essa "tradição" discernível nos Atos de Lucas e nas Epístolas Pastorais apresenta certas características: a) nomeações feitas pelos Apóstolos e seus sucessores e o uso de formas de ministério originadas ou associadas aos Apóstolos; b) a forma preferida de autorização ou nomeação é pela imposição de mãos, associada à ação do Espírito Santo; c) um embrião do conceito de "sucessão", que considera a transmissão e preservação da correta doutrina (*orthodoxia*) como algo importante e relacionado com a continuidade no tempo de um testemunho fiel. Nota-se então que se trata não só de lutar contra grupos alternativos (heresias), mas principalmente de dar às comunidades a possibilidade de expressar sua convicção de que um ministério autorizado e reconhecido era uma forma de assegurar aos cristãos que suas

¹⁵ Idem, p. 343.



comunidades participavam realmente na vida do Reino de Deus, através do Espírito de Cristo ressuscitado, na sua missão, ordenamento e culto. Vários teólogos¹⁶ tem afirmado que, para a Igreja dos três primeiros séculos, sucessão” não significa primariamente seqüência direta de pessoas, mas a unidade interna e a continuidade de doutrina apostólica da Igreja

3.. *A tradição da Ordenação* - Desde o séc. II o desenvolvimento da “tradição” da “ordenação” ficou vinculado ao ofício e às funções do bispo, sendo assim a conclusão do movimento discernido no período neotestamentário, que une as origens e o crescimento das tradições em geral ao período apostólico. Documentos, tanto do NT quanto fora dele, evidenciam o movimento para distinguir “anciãos” ou lideranças como presbíteros/bispos e diáconos¹⁷: Atos, Filipenses, I Pedro, Didaqué, I Clemente, mostram que tanto a supervisão da comunidade quanto o serviço na mesma são um reflexo da grande *episkope* de Deus Pai e da grande *diakonia* permanente de Jesus em favor de todo o povo de Deus. Os ministérios carismáticos vão, aos poucos, sendo subordinados ao modelo institucional dos presbíteros/bispos. Estes, no começo estão bastante indiferenciados, mas em meados do séc. II essa forma plural de liderança vai deixando lugar ao princípio de liderança única do bispo na sua comunidade (o chamado “episcopado monárquico”), explicitado em Inácio¹⁸ e em Clemente¹⁹. A tríplice “ordem” de bispos, presbíteros e diáconos como “os” ministérios é uma inovação que reflete as preocupações teológicas e a história da Igreja no séc. II, mas

¹⁶ C.H. TURNER, H. KÜNG, E. SCHLINK, Y. CONGAR, apud: F. HAWKINS, op. cit. p. 349.

¹⁷ F. HAWKINS, op. cit. p. 347

¹⁸ IGNATIUS OF ANTIOQUIA, *Letter to the Ephesians*, 4; *Magnesians*, 6

¹⁹ CLEMENT OF ROME, *First Letter to the Corinthians*, 42



que também tem profundas raízes no NT. Algo interessante também é o crescente uso da tipologia e da linguagem sacerdotal do Antigo Testamento (AT), em I Clemente, Didaqué, Epístola de Policarpo²⁰, que terminará dando as bases para um argumento de sucessão no ministério *via* seqüência dos bispos nas Igrejas, e não mais como o testemunho de toda a comunidade.

Do séc. II em diante, ordenação inclui aspectos como: 1) o reconhecimento dum chamamento a um ofício, feito pela comunidade local, através da oração e da imposição de mãos; 2) o relacionamento entre o ministério em cada comunidade e o da Igreja toda, expresso na presença e participação de bispos de outras comunidades nas sagrações episcopais; 3) o fato de cada bispo reconhecer e autorizar o ministério de presbíteros e diáconos na sua comunidade, o que assegurava a unidade interna da comunidade e sua união com o resto da Igreja; 4) a aceitação do princípio da jurisdição territorial, que estabeleceu a importância do bispo, tanto geográfica, quanto temporal e historicamente, e contribuiu também para o argumento da "sucessão"; 5) a unidade da comunidade na Igreja Católica (*universal*) na mesma fé era explicitada na pessoa do bispo, que era também quem presidia o culto, expressão da fé da Igreja local; 6) o elemento carismático sobrevive na aprovação dos candidatos às sagradas ordens pelo povo, durante o rito, mas a grande ênfase é colocada na autorização dada no contexto do rito da Igreja; 7) a irdenação veio a ser, pois, a ocasião da recepção e do reconhecimento público de um dom especial de graça outorgado por Deus, que tornava possível que a pessoa receptora exercesse funções pastorais e sacramentais,

²⁰ POLYCARP OF SMYRN, *Letter to the Philippians*, 6; CLEMENT, op. cit., 41, 3, 5



como diácono, presbítero ou bispo, na Igreja. Daí em diante, ficou garantida a importância de um modelo ministerial alicerçado no episcopado.

4. *História.*-_i) Até fins do séc. IV.- Far-se-á a análise através do estudo direto de documentos da época. Foram escolhidas obras representativas de cada século: a *Didache* (DE) de fins do séc. I e começos do séc. II, a *Didascalia Apostolorum* (DA) de começos do séc. III, a *Traditio Apostólica* (TA) de Hipólito, também do séc. III (c. 217-230), os *Canones Sanctorum Apostolorum* ou Cânones de Hipólito (CH) da primeira metade do séc. IV (313-350) e as *Constitutiones Apostolicae* (CA) de fins do séc. IV (350-380).

i.a) *Didaque*(DE): o documento mostra uma comunidade nos primeiros estágios de seu desenvolvimento, sem grandes especializações nos ministérios, e dois cultos importantes: o batismo e uma eucaristia realizada ainda no contexto de um jantar. No batismo já temos a fórmula trinitária. Na eucaristia usam-se fórmulas moldadas sobre fórmulas judaicas de ação de graças e nota-se em tudo um sentido de antecipação do banquete messiânico no Reino. Não há menção da Última Ceia nem da morte de Jesus. Os ministérios descritos são bem primitivos, e a única distinção é entre ministérios mais gerais: apóstolos e profetas, e os de caráter mais local: bispos e diáconos.

i.b) *Didascalia Apostolorum* (DA): pouco mais de um século após a *Didaché*, vemos já consolidada uma situação cultural bem diferente. Os únicos ministérios presentes são os institucionalizados, e que na DE eram de caráter local: bispos e diáconos, e surgem os presbíteros, diferenciados do bispo e com escassas funções próprias. Os ministérios mais carismáticos desapareceram, seja porque foram



eliminados ou porque foram assumidos pelos outros ministérios. Aparecem claramente identificadas as funções próprias de cada Ordem, e no contexto eucarístico, ela está totalmente separada do ágape ou ceia fraterna. O bispo tem não só funções celebrativas, mas também de nomeação (viúvas) e de ordenação (autorização e reconhecimento) de diáconos, diaconisas e presbíteros. Ele é, claramente, o centro da comunidade em adoração, como está marcado pelo símbolo de sua cadeira (trono) como Deus Pai, "cabeça do presbitério", rodeado dos anciãos, seus presbíteros, como o Grande Conselho. Aparece a figura da diaconisa, ordenada de maneira igual ao homem mas com tarefas muito restritas (expressão quiçá de posições internas da comunidade contrárias a seu ministério, ou de aceitação por motivos de evitar possíveis escândalos?, ou produto da atitude cultural da época para com a mulher?, ou resultado de um generalizado preconceito cristão? Lembremos que entre grupos considerados heréticos as mulheres tinham um papel muito mais ativo, como profetizar, eucaristizar, batizar e pregar. É interessante também que durante o culto, tanto o bispo quanto os diáconos (homens) tivessem a responsabilidade de cuidar da conduta das viúvas. Não está explícito no texto que as diaconisas ministrem às mulheres doentes; pelo contrário, o texto fala especificamente de "diáconos" (homens) fazendo essa tarefa, mas na linha seguinte diz-se que "a mulher diácona deve ser particularmente diligente no ministério das mulheres e um homem no ministério dos homens"²¹.

i.c) *Traditio Apostólica* (TA), de Hipólito de Roma. Assim com a DA fala das funções das Ordens Sagradas no Oriente (Síria), a TA faz o mesmo a respeito de

²¹ DIDASCALIA, 17, iii, 13, 3



Roma. Vê-se como também ali os presbíteros vão assumindo mais e mais funções; como os diáconos homens ficam subordinados não só aos bispos (o que acontecia desde os primórdios da Ordem), mas também aos presbíteros, e podem assumir alguma tarefa só se não houver um presbítero presente. Na celebração eucarística assumem mais tarefas de “auxiliares” que de verdadeiros ministros. Nada se fala de mulheres diáconas, pelo que se deveria entender que elas já não existiam em Roma nessa época (ou que o autor é contrário a seu ministério e por isso não as coloca no livro). O *ágape* está totalmente separado da eucaristia. Aparece também o *signum*: embrião do sacramento da unção aos doentes?, um outro nome de eucaristia em circunstâncias especiais, aos doentes, quiçá? Todas as ordenações passam pelas mãos dos bispos. Fica claro também que os presbíteros formam um *ordo* à parte: *consilium*, diz o texto, do qual os diáconos estão excluídos: “não lhes é dado participar no conselho do clero”²².

i.d) *Canones Sanctorum Apostolorum* (CH) ou Cânones de Hipólito. Nesta obra aparece a consumação da “revolução” dos presbíteros que ganham seu espaço às custas dos bispos e especialmente dos diáconos. É interessante, no final do Cânon 4, a declaração: “ O presbítero é igual ao bispo em tudo, exceto na *cathedra* e na ordenação, porque a ele não é dado o poder de ordenar”²³. O crescimento da Igreja no começo da era da cristandade foi a grande causa do aumento das funções dos presbíteros e de sua crescente importância litúrgica.

²² TRADITIO APOSTOLICA, 8

²³ CÂNONES DE HIPOLITO, 4



i.e) *Constitutiones Apostolicae* (CA): o estudo deste documento de origem oriental (Antioquia), de fins do séc. IV, encerra o estudo das funções litúrgicas das Ordens Sagradas na Idade Antiga. CA inclui um variado número de funções litúrgicas, junto com as normas sobre o ano litúrgico e variados formulários de orações. O material é apresentado de diferentes formas: as vezes com o texto completo e outras só dando o “esqueleto” do mesmo, assumindo que os celebrantes saberiam preencher as lacunas, por já sabe-las de cor. Apesar da declaração dando monopólio absoluto de suas funções aos diáconos, suas tarefas litúrgicas são extremamente reduzidas, e muito próximas das que são feitas hoje em dia pelos diáconos, tanto na Igreja Anglicana quanto na Católica Romana: ler o Evangelho, dirigir as intercessões, receber as oferendas e preparar o altar para a eucaristia, ajudar na distribuição do vinho durante a comunhão e despedir o povo ao fim do culto; ajudar nos Ofícios Divinos diários, além duma tarefa geral de assistência ao bispo e aos presbíteros. O papel das diaconisas é mínimo, e CA é um dos últimos documentos importantes onde elas aparecem com funções próprias e onde ainda se fala da sua ordenação. Vêm-se cristalizadas as funções de bispos e presbíteros, com poucas diferenças do presente.

Pode ser dito que a existência das três Ordens Sagradas remonta aos primórdios da Igreja, tanto do Oriente quanto do Ocidente, e elas estão ligadas a seu desenvolvimento inicial. Sua presença é constante e universal, e apresentam-se como um dos elementos da catolicidade eclesial, conforme o *dictum* de Vicente de Lerin (+c.450) em seu *Communitorium* (II,3): *quod ubique, quod semper, quod ab omnibus creditus est* (universalidade, antigüidade e consenso). É certo que após um período inicial de indefinição e consolidação (até a primeira metade do séc. IV), as funções



litúrgicas das Ordens apresentam uma notável permanência até nossos dias. Algumas das chamadas (no medievo) "Ordens Menores" (subdiácono, leitor, por ex.) tiveram suas origens no séc. III, e foram-lhes acrescentadas outros séculos depois (ostiário, acólito). Os exorcismos que eram feitos por bispos e sacerdotes continuaram sendo sua função, mas deram origem a uma "ordem menor" especial: a dos exorcistas. Pode ser vista também uma dinâmica interna dentro das Ordens: algumas, no começo, são indiferenciadas (bispos/presbíteros, no séc. I e começos do II); posteriormente, os presbíteros começam a ganhar espaço e funções próprias em detrimento de bispos e diáconos. Estes últimos, para fins do séc. IV ficaram com funções auxiliares; certos ministérios também desapareceram, como os de profetas, apóstolos e doutores, e pessoas deixaram de ser elegíveis para integrar Ordens, como as mulheres, por exemplo, que cessaram de ser ordenadas ao diaconato. Essa indisponibilidade persiste até hoje em algumas Igrejas (Ortodoxas, Católico Romana, por ex.) e deixou de existir em outras (Igrejas da Reforma).

A Cristalização Medieval

Fontes.- Neste capítulo examinaremos o que aconteceu na Idade Média até os anos prévios à Reforma na Inglaterra no séc. XVI. Para isso escolheu-se o estudo do *Ordo Romanus I* (ORI), séc. VII-VIII, o qual, mesmo não sendo o mais antigo, é o antecessor de vários outros, na lista de 15 do beneditino maurista Jean Mabillon (1632-1707), onde se descreve a missa estacional papal nos começos do séc. VII,



com alguns acréscimos do *Ordo Sancti Petri* (OSP)²⁴. Os *Ordines* foram compilados ao longo dos séc. IX-XV e são importantes para a história do desenvolvimento do cerimonial do rito romano. Foi usado também o rito de *Sarum*, que é a adaptação inglesa mais importante do rito romano, adjudicado a São Osmundo (+1099), e que contém elementos gálicos sobreviventes e acréscimos do séc. XIII. Para os anglicanos, o *Uso de Sarum* (ou Salisbury) é importante por ser o mais aceito nos tempos da reforma de Cranmer, sendo material base para sua reforma litúrgica e que teve muitos elementos literalmente preservados nos dois primeiros LOCs de 1549 e 1552.

*As funções litúrgicas das Ordens conforme os dois "Ordines Romani" mais antigos -_OR I, redatado no séc. VIII, mas com materiais do tempo de Gregório o Grande (+604) e o OSP, aproximadamente da mesma época²⁵, nos informam sobre a Missa Papal, que sempre foi uma ocasião muito importante e solene na vida cultural da cidade de Roma. Esse caráter de solenidade nos leva aos trabalhos de Anton Baumstark (1872-1948), na sua obra *Liturgie Comparée*, de 1934. Nela, o autor apresenta uma analogia entre um organismo e os campos da lingüística e da liturgia, no sentido de que ambas as ciências são "naturais", isto é, mudam, se transformam conforme leis que operam independentemente da vontade humana. Baumstark entendia que o desenvolvimento litúrgico operava conforme duas "leis" fundamentais: a primeira, chamada do desenvolvimento orgânico (orgânico= progressivo), tinha a ver com os processos de mudança na liturgia: o velho é substituído pelo novo*

²⁴ F. L. CROSS (ed) *The Oxford Dictionary of the Christian Church: Ordines Romani* p.990.

²⁵ FRITZ WEST, *The Comparative Liturgy of Anton Baumstark*, p. 27



conforme um modelo de progressivo enriquecimento. A segunda lei é a da continuidade, e afirma que as comunidades litúrgicas tendem a ser mais conservadoras nos momentos mais solenes de sua vida comum. Pôde-se ver a operacionalidade da primeira "lei" ao longo do capítulo I deste trabalho. Daí em diante, as mudanças serão menores (mais quanto a detalhes). Nas grandes cerimônias ver-se-á a segunda "lei" em ação, com uma cristalização progressiva dos rituais e funções litúrgicas. Quiçá seja essa uma das razões pelas quais, até a grande reforma litúrgica do séc. XX tenham sobrevivido tantos elementos arcaicos na Missa Papal, tanto verbais quanto no ritual.

Após as CA (350-380 d.C.), ou quiçá na mesma época, surge a primeira coleção de orações ditas pelo celebrante durante os ritos, no *Sacramentarium* de Serapião de Themis (+360), depois do qual não há nada tão completo até o séc. VII, quando aparecem os primeiros livros de serviços litúrgicos no Ocidente. No intervalo entre os sécs. IV-VII existem tratados dos quais podem ser tiradas informações litúrgicas (Ambrósio, Agostinho, por ex.), mas não manuais de cerimônias. No séc. VII, porém, o culto cristão tinha alcançado sua maturidade: não só o sistema sacramental tinha seus serviços organizados, mas, no Ocidente, os outros dois tipos principais de culto cristão tinham chegado a uma posição clara e bem definida: a) o Ofício Divino com suas Horas de oração ao longo do dia, e b) os Serviços Ocasiais, que incluíam a Dedicção de Igrejas, Consagração de virgens e os ritos sacramentais de Ordenação, Matrimônio, Reconciliação dos Penitentes e Unção dos doentes²⁶.

²⁶ F. PROCTER, W. Frere, *A new history of the Book of Common Prayer*...p. 5-6.



Os “Usos” - A maturidade a que se aludiu anteriormente era perceptível no espírito de unidade, mas não de uniformidade, já que no Ocidente havia dois grandes tipos de liturgias: uma preeminentemente *romana*, originada nessa cidade e de uso na corte papal, e a outra *não-romana*, derivada provavelmente dos primitivos usos do Oriente e da África, um mesmo e único Uso, ainda que assumisse variadas formas em lugares diferentes: uso Gálico (França e Alemanha), Visigótico (e depois Mossárabe, na península ibérica), Ambrosiano ou Milanês (no norte da Itália), Celta (nas Ilhas Britânicas). É notável a comunicação interna entre essas duas grandes famílias litúrgicas. Usos romanos entravam em áreas gálicas ou ambrosianas, eram assimilados e mudados, e voltavam a Roma, influenciando o “uso” dessa cidade; ou também costumes alemães e francos eram diretamente levados a Roma²⁷. No fim, porém, a liturgia romana desalojou os outros usos, ainda que tomando elementos deles. As únicas exceções são o Ambrosiano e uma mínima presença mossárabe em Toledo, mas em ambos os casos a influência romana é muito forte. A causa disso deve ser vista: a) na pressão unificadora da Cúria Romana e a suspeita de heterodoxia com que a mesma olhava o “diferente” (uma figura importante neste processo unificador é a figura de Wilhem Durandus (1230-1296), que em duas obras (*Rationale Divinorum Officiorum* e *Pontificale*), assentou as bases para todo o ritual romano vigente até a reforma litúrgica do Concílio Vaticano II²⁸, e que influenciou também Cranmer); b) no trabalho das Ordens Mendicantes, especialmente dos Franciscanos, na difusão do Uso Romano (*Ordo Missae*, da Capela Papal, do séc. XII e o *Ordo Missae Fratrum*

²⁷ J. PINELL, *As Liturgias Ocidentais, apud Panorama Histórico Geral da Liturgia*, p. 64-93

²⁸ F.L. CROSS, op. cit. Verbete DURANDUS W. , p. 429



Minorum, dos sécs. XII/XIII); c) no desejo das igrejas locais de imitar práticas romanas²⁹3.

Algumas funções das três Ordens Sagradas neste período.- Como não foi possível, dadas as limitações de espaço deste trabalho, colocar todos os detalhes das funções litúrgicas das Ordens ao longo dos quatro primeiros séculos, quero agora, de forma reduzida, fazê-lo, já que o tema está diretamente vinculado as mudanças da Reforma do séc. XVI e por tanto, ao do Anglicanismo.

Do Bispo: "Ao bispo corresponde julgar, interpretar, ordenar, oferecer, batizar, confirmar"³⁰, conforme o Pontifical. Cinco destas funções são basicamente litúrgicas e a primeira tem desdobramentos litúrgicos. Assim, tem-se, numa enumeração não exaustiva: consagrar presbíteros, levitas (diáconos) e outros bispos, com oração de imposição de mãos ungindo, entregando as insígnias e o instrumento de cada ordem (*porretio*) e outorgando o poder das chaves (exceto aos diáconos). Exercer a plenitude sacerdotal sendo o ministro "ordinário" (normal) de todos os sacramentos. Receber o juramento de fidelidade de todo o clero e ser o depositário do poder disciplinário, de organização e de regimentação do culto na sua diocese³¹, tal como Ambrósio já o afirmara no seu *De Officis*. Delegar a celebração do batismo a presbíteros e diáconos, e dos outros sacramentos (exceto a Ordem e a Confirmação) aos presbíteros; aprovar a eleição de abades e abadessas dentro da sua jurisdição; presidir a *consecratio* (imposição do véu) às virgens³²; consagrar e dedicar

²⁹ F. PROCTER, W. FRERE, op. cit. p. 8

³⁰ E. HILL, *Ministry and Authority*, p. 19

³¹ M. RIGHETTI, *Stória della Liturgia*, vol II, p. 993, 1142-50

³² Id., *ibid.*, p. 1051



templo³³; abençoar os sinos; abençoar a água para uso lustral em casas e pessoas³⁸; consagrar os sagrados óleos^{38a}; ordenar diaconisas³⁴; realizar a declaração pública de excomunhão; o Papa e os bispos metropolitanos coroavam os reis³⁵.

Dos Presbíteros: Escolher o novo bispo entre os designados pelo povo, como registra o Pontifical milanês do séc. IX³⁶; impor as mãos, junto com o bispo, na ordenação dos novos presbíteros; oferecer as "Amulae" de vinho na missa pontifical, pronunciar as palavras da instituição sobre a hóstia que cada presbítero recebia na missa pontifical, para desse modo concelebrar com o Bispo; dar e receber o ósculo da paz; distribuir o pão eucarístico às mulheres³⁷ e celebrar a santa eucaristia por delegação, já que até o séc. VII "o" celebrante era sempre o bispo. A expansão da Igreja, os poucos bispos, o crescente costume de celebrar missas diárias fizeram que os presbíteros fossem assumindo essa função³⁸; batizar, primeiro por delegação e depois por direito próprio³⁹; junto com o bispo, determinar a penitência e reconciliar os penitentes públicos durante a liturgia⁴⁰ ainda que para começos do séc. VII, vá-se impondo o sistema de confissão e penitência privadas, com absolvição imediata dada pelo sacerdote e reservada para casos excepcionais ao bispo⁴¹; ungir os doentes, pois

³³ Idem, p. 1052

³⁴ Idem, p. 683 ss

³⁵ PONTIFICALE ROMANUM, De benedictione et coronatione regum

³⁶ G. MAGISTRETTI, *Pontificale in usum Ecclesia Mediolani*, p. 49-51

³⁷ M. RIGHETTI, op. cit. P. 143-52.

³⁸ Id., *Ibid.*, p. 143-152

³⁹ Idem, p. 437 e 157-8

⁴⁰ Id. p. 700 e 766

⁴¹ Andrews LOUTH, Maxwell STANFORD, *Early Christian Writings*(St. Ciprian Epist.,16, 2 e 52, 13)



já não era mais possível aos bispos assumir essa tarefa⁴²; pelo ano 1000 a unção foi vinculada à penitência, anteposta ao *Viaticum* para os moribundos, e virou mais uma função dos presbíteros; realizar matrimônios⁴³ e sacramentais (i.e.: “ritos que, diferentemente dos sacramentos, não conferem graça alguma e não são por isso, necessários para a salvação; razão pela qual o Senhor deixou sua instituição nas mãos dos fiéis” como expressa Tomas de Aquino⁴⁴) tais como, por ex.: a benção dos peregrinos, da água para aspersões; realizar exorcismos fora do contexto da Iniciação Cristã⁴⁵, e do séc. XIII em diante, levar em procissão e abençoar o povo com o Ssmo. Sacramento exposto no ostensório, costume que perdura até hoje no Ocidente, dentro da Igreja Romana, no dia de *Corpus*.

Dos Diáconos.- Tem o direito de usar vestes próprias (a dalmática, que é a insígnia de sua Ordem). Na eucaristia: cantar ou recitar o Evangelho, o que desde o séc. XII (OR XI) está rodeado de grande cerimônia. No Ofertório “vestir” o altar (colocar a toalha e os vasos sagrados sobre ele, e colocar o vinho no cálice ministerial (*schyphus*). Sem funções especiais durante a oração eucarística. Durante a Idade Média ajudava na fração dos pães e colocava os pedaços em grandes *patenae* (pratos) para a posterior distribuição. Ministrava o cálice durante a comunhão, ajudando aos bispos e presbíteros que ministravam o pão. No fim, depois da *Oratio ad Complendum* dita pelo celebrante (equivalente a atual pós-comunhão) anunciavam onde seria a próxima missa papal e despediam o povo: *Ite, missa est!*, ao que todos respondiam:

⁴² M. RIGHETTI, op. cit., p. 813-821

⁴³ Id. ibid., p. 1007

⁴⁴ TOMAS DE AQUINO, *Summa Teologica*, v.3, q.65, a, 1 a 8, p. 39

⁴⁵ M. RIGHETTI, op. cit. P. 1022



Deo gratias! Podiam também batizar desde o séc. VI, conforme refere o OR XI, o que foi confirmado no Concílio de Florença de 1458⁴⁶, ainda que na prática terminou sendo só função dos presbíteros. Quanto ao poder das chaves, ele nunca foi confiado aos diáconos, e a direção espiritual ficou a cargo de sacerdotes e monges⁴⁷. No referente às unções, existe um testemunho do Papa Inocência I ao bispo Decêncio de Gubbio (c.416 d.C) dizendo que o óleo é consagrado pelo bispo e administrado aos doentes pelos sacerdotes *e também pelos mesmos fiéis* (a ênfase é nossa)⁴⁸, de forma que os diáconos poderiam também fazê-la, mas a partir do séc. VIII a unção ficou vinculada ao sacramento da penitência e à preparação para a morte, e por tanto sua administração ficou restrita aos presbíteros.

Das Diaconisas .- Já se viu que suas funções eram bastante limitadas, e depois de cessar o batismo de adultos pouco lhes restou; finalmente até suas tarefas assistenciais foram assumidas por homens e mulheres leigos. O termo ficou como um acréscimo para a abadessa ou para a monja mais culta num mosteiro, que ficava autorizada a ler o evangelho e fazer uma homilia na sua comunidade, como nos diz o *Ordo de consecratione virginum*, do séc. XIII, mas o mesmo copista, esclarece que já no seu tempo isso já não era mais praticado⁴⁹.

⁴⁶ ORDO ROMANUS I (ORI), 96m “caeteri, a diacono, cui ipse jusserit, baptizantur”

⁴⁷ HENRICUS DENZINGER, ENCHIRIDION SYMBOLORUM... No. 696, p. 255

⁴⁸ M. RIGHETTI, op. cit., p. 813-16.

⁴⁹ M. RIGHETTI, op. cit... p. 890



A Liturgia nas Ilhas Britânicas

Primórdios e romanização.- Até o séc. VII a liturgia era do tipo não romano, introduzida na Irlanda por monges vindos da Normandia e cujas mais famosas figuras (mas não as únicas), foram São Patrício (390-461) e São Columba (521- 597). O zelo missionário dos monges celtas levou-os primeiro à Escócia e depois a Gales e ao sul da Inglaterra, dando ao cristianismo uma estrutura fortemente monástica (tendo aos abades e não os bispos como as principais figuras eclesiásticas), com raízes populares, vida espiritual disciplinada mas com tendências individualistas e uma ênfase na simplicidade de vida. Devido às invasões do séc. V essa Igreja ficou isolada do resto da cristandade e esquecida por ela, tanto que, quando Agostinho foi enviado a Inglaterra (para supostamente levar o cristianismo àqueles pagãos) pelo papa Gregório, em 597, grande foi a sua surpresa quando encontrou um cristianismo de linha monástica totalmente desenvolvido e com tradições não romanas (celebrar a Páscoa em data fixa, como no Oriente, por ex.). Apesar dos conselhos de Gregório, tanto Agostinho quanto seus sucessores na sé de Cantuária continuaram seus propósitos de romanizar a Inglaterra e o fizeram em duas etapas: a) na Conferência ou Concílio de Whitby, de 664, que tratou sobre a tonsura clerical e sobre mudar a observância da data pascal para o uso romano, abandonando a prática quatordecimana; b) no II Concílio de Cloveshoo, de 747, onde é dito expressamente que a Igreja de Inglaterra conformará seus usos aos da Igreja de Roma, consumando-



se assim a mudança⁵⁰. O certo é que no séc. X o rito romano tinha substituído o celta, a ponto de que, fora do Antifonário de Bangor não existe nenhum manuscrito de pura origem celta, e todos os que existem evidenciam uma forte predominância romana, pelo que muito bem pode se afirmar que, ao tempo da Reforma inglesa, todos os livros de culto eram romanos com vestígios gálicos, mossárabes e alguns (mas muito poucos) celtas⁵¹. Quando dizemos “romanos” queremos dizer de tipo romano, porque não havia uniformidade. Existiam adaptações locais do rito romano, que eram conhecidos com o nome de “Usos”, e desde o séc. XIII ha três grandes *usos*: *Sarum*, *Hereford* e *York*, sendo o primeiro deles o mais importante e difundido, e sobre o qual Cranmer baseou seu primeiro LOC de 1549. No Sarum, os livros mais importantes são: o *Missale*, o *Manuale* e o *Pontificale*.⁵²

Funções litúrgicas conforme o Uso de Sarum -_Na celebração da Eucaristia a romanização foi tão completa que fora dum momento penitencial ao começo, iniciado na sacristia e terminado ao pé do altar, de dois intercâmbios de paz e da ausência da bênção final, não há variantes dignas de menção. Em outros contextos: o Bispo preside as ordenações durante a Eucaristia e os neo-ordenados já cumprem suas funções na missa de ordenação. O *Pontificale* expressa que corresponde ao diácono: “servir no altar, ler o evangelho, batizar e pregar”⁵³, e ao presbítero: “oferecer, bendizer, dirigir, pregar, absolver e batizar”⁵⁴. No *Manuale*, lê-se que o Matrimônio é celebrado por Bispo ou Presbítero, a unção dos doentes com administração da

⁵⁰ BEDA: *A history of the English Church and people*, ch. 27, paragr.2, p. 73

⁵¹ HADDAN & STUBBS, *Councils*, iii, 367, ap. PROCTOR & FRERE. Op. cit. P. 9, nota 2, in fine

⁵² F. PROCTER & FRERE, op. cit. p. 9-10

⁵³ Id., *ibid.*, p. 295-304.

⁵⁴ Idem, p. 296.



comunhão é reservada a bispos e sacerdotes. Eles também realizam os ritos mortuários e os ritos de purificação das mulheres depois do parto (os diáconos estão excluídos destas funções). Além disso, os presbíteros, nas suas paróquias tinham outras funções litúrgicas, tais como bênçãos, rituais de proteção, exorcismos, procissões, ajudar aos bispos nas Confirmações e ser capelães para os mosteiros femininos na área de sua jurisdição⁵⁵.

Pode-se dizer que o fim do séc. XV e começos do XVI foi um momento histórico importante na história do desenvolvimento litúrgico ocidental, já que ele marca o amadurecimento da liturgia em torno ao *Ordo Romanus*, que unificou as diferentes tendências locais. O séc. XVI viu também, com a Reforma, o nascimento de novas "tradições litúrgicas", entendendo por tais: "hábitos e suposições sobre o culto, com certas características dominantes e que apresentam a suficiente coerência para distingui-las de forma específica".⁵⁶ Pode-se ver também que há, ao longo dos 1500 anos estudados até aqui uma substancial continuidade, especialmente no rito e cerimônias da Eucaristia, e que é evidenciada nos momentos mais importantes do rito e nas funções litúrgicas dos celebrantes, conforme a Segunda "lei" de "continuidade", de Baumstark. Mas, conforme a primeira "lei" de Baumstark, naquilo que não era essencial as mudanças foram grandes, seja por acréscimo (criação das Ordens Menores), ou por eliminação de funções (diaconisas, por ex.) ou limitação das mesmas (diáconos), ou a elaboração de um pesado e exuberante cerimonial, no qual muitas vezes, o acessório virava principal (como a "porretio instrumentorum" nas

⁵⁵ Idem, p. 638.

⁵⁶ Idem, p. 641-2



ordenações, ou a elevação dos elementos após as palavras da instituição na Santa Eucaristia. A liturgia converteu-se assim num “espetáculo coreográfico”, grande e misterioso, oferecido ao povo, e executado conforme regras estritas que asseguravam a validade do mesmo (ritualismo). A execução e o controle do ritual ficou firmemente nas mãos do clero, por ser ele o “especialista” e detentor do monopólio da comunicação entre o povo e Deus. Controlar a “ponte” significava também poder e autoridade sobre todos os aspectos da vida das pessoas.

As Ordens Sagradas no Anglicanismo

A situação ao momento da Reforma.- O Uso de Sarum nos diz que ao Diácono correspondia “servir no altar, ler o Evangelho, batizar e pregar” e recebia a insígnia da estola “da imortalidade” e o evangelário para sua proclamação a “todos os cristãos”; ao presbítero: “oferecer, bendizer, dirigir, pregar, absolver e batizar”, recebendo a estola (com o significado agora de jugo e inocência), o cálice com vinho e a patena com uma hóstia (celebração do “sacrifício”) e a insígnia da casula (sua veste sacerdotal); ao bispo: julgar, interpretar, consagrar, confirmar, ordenar, oferecer e batizar” recebendo as luvas, o báculo, o anel, a mitra e o evangelário. Esta era a situação em 1530, sob Henrique VIII.

A Reforma.- Neste imenso tema só serão analisados aspectos litúrgicos. No primeiro LOC de 1549 não havia um Ordinal. Ele foi publicado em 1550 sob o título de “A forma e modo de fazer e consagrar Arcebispos, bispos, sacerdotes e diáconos” e



mostra, por um lado a preservação de elementos medievais e por outro a influência reformada luterana, através de Bucer, que lecionava em Oxford naquele tempo e assessorou à comissão redatora. No segundo LOC de 1552 o Ordinal foi incorporado e, ao mesmo e algumas mudanças, de linha mais Reformada, introduzidas. A única *porretio* autorizada foi a da Bíblia (*porretio* = entrega do símbolo da Ordem ou do ofício) e ela foi mantida porque na época achava-se que a mesma era parte da essência do rito. O contexto das ordenações era eucarístico, com oração e imposição de mãos pelo bispo, invocação do Espírito Santo (com o canto do Veni Creator) e súplicas especiais (litanias da ordenação). É expressamente dito que o objetivo era permanecer na válida sucessão das três Ordens do ministério, tal como tinham sido recebidas do tempo dos apóstolos pela consagração episcopal e voltando ao conteúdo básico das mesmas: mediante a imposição de mãos e a oração pública sobre os candidatos, como aparece no NT. As reformas litúrgicas seguiram de perto as idas e vindas políticas, com Maria Tudor, Isabel I, a república de Cromwell de 1643 a 1659 e a Restauração da monarquia e da Igreja Oficial em 1660, com a volta em 1662 do LOC de 1552 com as mudanças isabelinas de 1559. Esse LOC de 1662 (base do LOC americano de 1789) ainda continua legalmente válido em Inglaterra, ainda que partilhando o espaço com o atual Livro de Culto Comum (BCW) do ano 2000, e o mesmo foi importante na Comunhão Anglicana por várias razões: a) ter modelado a vida cultural e a espiritualidade de gerações por mais de três séculos; b) sua base fortemente bíblica; c) ter se convertido em símbolo da unidade e da uniformidade anglicanas no mundo ao longo desse tempo; d) por ser um verdadeiro “Manual” que contém todo o necessário para o culto, de forma clara e acessível; e) junto com a



Bíblia, na Versão Autorizada do Rei Tiago, moldou a vida religiosa na cultura anglo-saxã, e ambos foram usados até mesmo por outras denominações, mantendo um valor referencial ao longo do tempo⁵⁷.

O Livro de Oração Comum de 1662.- O estudo de seu Ordinal será feito em duas partes: de 1662 a 1840 e de 1840 a 1980. A razão dessa divisão está no diferente uso do mesmo nesses períodos: no primeiro o Livro era seguido e observado tanto na sua letra quanto no seu espírito, e seu uso estava misturado a sentimentos patrióticos e de adesão à monarquia; no segundo, a letra é respeitada (já que sua utilização era compulsória no reino), mas como consequência do movimento Anglo-Católico, amplamente difundido para 1840 (daí a escolha dessa data), o espírito do mesmo é transformado. Em tudo aquilo que o LOC não dizia ou não proibia, reingressou no culto (não sem verdadeiras batalhas canônicas, legais e de opinião pública) e nas funções litúrgicas das Ordens, a teologia litúrgica medieval, não *ipsis litteris*, mas numa versão do séc. XIX.

Período de 1662 a 1840 –

a) *Funções litúrgicas dos Bispos:* consagrar bispos, ordenar diáconos e presbíteros, batizar e presidir a Eucaristia, executar os outros ritos sacramentais confirmação, matrimônio, consolação dos doentes, ouvir penitentes; pregar, efetuar sepultamentos, ritos de recepção na comunhão da Igreja, excomungar, induções, instalações e entronizações, coroações reais, consagração de cemitérios; dedicar, reabrir e dessacralizar igrejas; licenciar leitores leigos (lay readers); presidir as

⁵⁷ HENRICUS DENZINGER, op. cit. P. 258-9.



Orações Matutinas e Vespertinas. Vestes deviam ser usadas, também por império da lei: a sobrepeliz, a chamarra, a estola e em certas ocasiões o capelo acadêmico.

b) *Funções litúrgicas dos presbíteros*: Assistir ao Bispo em qualquer cerimônia, batizar, presidir a Eucaristia, casar, pregar, ouvir os penitentes, assistir doentes e moribundos, encomendar, ler publicamente as Escrituras, dirigir as Orações Matutinas e Vespertinas, receber as mulheres da volta à comunidade após o parto. As vestes legais eram durante os ofícios: sobrepeliz, tipete (espécie de estola) preto (não se costumava o uso de diferentes cores litúrgicas) e o capelo acadêmico (como a formação teológica do clero era feita nas universidades, todo clérigo tinha graduação universitária. Os Seminários ou *Theological Colleges* surgiram em meados do séc. XIX para ajudar na formação de candidatos de baixa renda ao sacerdócio.

c) *Funções litúrgicas dos diáconos*: assistir ao bispo e ao sacerdote em qualquer cerimônia, ler publicamente as Escrituras, despedir a comunidade ao fim dos ofícios religiosos, batizar e pregar na ausência do presbítero e com sua permissão prévia; administrar o cálice durante a distribuição da comunhão; realizar encomendações e funerais; presidir as Orações Diárias, se não houver um presbítero. Suas vestes: sobrepeliz e tipete preto, mais o capelo acadêmico, se for do caso. d) *o surgimento dos "lay readers" e suas funções litúrgicas*. - Se bem que eles nunca tenham integrado uma Ordem Sagrada, surgiram em resposta à falta de ministros ordenados nas colônias inglesas durante a expansão britânica nos séc. XVII e XVIII e como auxiliares nas áreas rurais, e entrando no séc. XIX, com o crescimento urbano, para auxiliar nas paróquias das cidades. No fim, viraram uma verdadeira instituição dentro do Anglicanismo, e seu sucesso deve-se entre outras razões, ao fato de ser uma forma



de engajar lideranças leigas no serviço litúrgico à comunidade e resolvia, ainda que parcialmente, a falta de clérigos em áreas remotas ou de missão. Isto continua sendo válido até hoje. Não estavam previstos no LOC de 1662, mas os Bispos usavam de seu poder pastoral e os licenciavam, para atuar no âmbito exclusivo de uma paróquia, por um tempo determinado e renovável, preenchendo assim o vazio de assistência espiritual às comunidades.

O período 1840-1980.

A revalorização por parte do romantismo do Medievo, alcançou também a Igreja. É o tempo de templos em estilo neo-gótico, do tomismo oficializado na Igreja romana, do rei Ludwig com seus castelos, na Bavária. Na Inglaterra surge um movimento de ênfase nos valores e idéias da Igreja anterior à Reforma, na sacramentalidade, no símbolo, no rito, na catolicidade numa piedade mais popular e menos racionalista mas de boa base teológica (o movimento nasceu em Oxford), no ressurgir das ordens e congregações religiosas dentro do Anglicanismo com suas linhas de espiritualidade, de reaparição da piedade mariana, (incluindo procissões) e também da confissão auricular, com confessionários. No culto reaparecem valores tais como beleza, minuciosidade, esplendor, com forte apelo sensorial (olfato, vista, ouvido) expresso no uso de vestes suntuosas, velas, incenso, vitrais, missas solenes com três ministros e muitos acólitos, corais, igrejas muito mais mobiliadas e até com imagens, em igrejas que simpatizavam com o Movimento. Foi toda uma revolução, se comparamos este período com o anterior! Os evangelicais se organizaram e contra-atacaram, mas no final o famoso senso de "inclusividade" anglicana triunfou, evitou-se o cisma e os grupos aprenderam a conviver, primeiro entre eles e depois com os



liberais e com os carismáticos. Isso ajudará a entender o aumento de funções litúrgicas das ordens sagradas⁵⁸71.

a) *Funções litúrgicas dos bispos*: além das citadas anteriormente: instalação do Deão e dos Cônegos da Catedral, nomeação de subdiáconos, degradação de clérigos das suas Ordens e reconciliação dum clérigo lapso, instalação de superiores/as de comunidades religiosas, admissão duma diaconisa, consagração de sinos de igrejas, consagração dos santos óleos, bênçãos de pedras fundamentais de edifícios de culto, ofícios de licenciamento de leitores leigos, de envio de missionários, admissão de noviços/as e de profissão religiosa de membros de comunidades religiosas; outros atos públicos como procissões e bênçãos. Reaparecem como vestes episcopais a mitra, o anel, o báculo, a cruz peitoral e a capa pluvial; casulas, amitos e manípulos em estilos góticos ou renascentistas e as cores litúrgicas para as quadras do ano. Batinas roxas com faixas da mesma cor começam também a serem usadas pelos bispos. As vestes tradicionais continuam também em uso.

b) *Funções litúrgicas dos presbíteros*: Acrescentaram-se a comunhão aos doentes usando o Sacramento reservado (presente em 1549 e eliminado do LOC de 1552 e que é reintroduzida, junto com os sacrários); Ofícios ocasionais como: admissão de acólitos, coralistas, adoção de crianças. Inumeráveis bênçãos sobre pessoas e objetos, que permitiam a presença da Igreja no dia a dia das pessoas e da sociedade: (só a via de exemplo): de escola, de um novo professor, da água, de velas na Candelária, de cinzas ao começo da Quaresma, de palmas e flores em Ramos, de novas estantes bíblicas na Igreja, de órgãos. dos membros da Junta Paroquial na sua

⁵⁸ M. SIMON, L' Anglicanisme, v. 2, cp. 4, p. 60-82; R. LITTLEDALE & J. VAUX, Pontificale, p. 271ss.



posse, uma curiosa "lavagem" do altar na 5ª feira Santa após o Ofício Vespertino. Mas foi na celebração solene da Eucaristia paroquial aos domingos e na celebração dos ritos da Semana Santa, que as funções multiplicaram-se de forma profusa. Elas estão detalhadas na monografia, mas omitidas aqui por razões de espaço. Vestes: batina preta com cinto de couro ("anglican belt) ou faixa preta como veste usual e amito, alba, cíngulo, manípulo, estola e casula em serviços eucarísticos; batina, sobrepeliz, estola e capelo acadêmico em ofícios não eucarísticos; alba, estola e capa pluvial em procissões, bênçãos com o Santíssimo e quando na sua Paróquia recebia ao Bispo. A bireta era usada até os anos '80, mas atualmente deixou de ser usada.

c) *Funções litúrgicas dos Diáconos* - Além das já ditas anteriormente, na Missa Solene, assistir ao celebrante nas incensões, fazer a procissão para a leitura/canto do Evangelho, preparar a mesa no Ofertório, ajudar no "lavabo", assistir ao celebrante em todo momento, ministrar o cálice durante a comunhão, ajudar nas abluções finais e despedir a comunidade; na Semana Santa, ser um dos Cantores ou Leitores da Paixão, dirigir as posições do povo durante as Súplicas Solenes e participar da adoração da Cruz na 6ª Feira Santa; encabeçar a procissão com o Círio Pascal e cantar o Exultet na Vigília Pascal; levar a comunhão aos doentes; se não houver sacerdote disponível presidir uma liturgia da Palavra com administração da Santa Comunhão usando o Sacramento Reservado (Oração Matutina ou Vespertina com Santa Comunhão, permitido também em ausência de clérigos aos Ministros Leigos, com especial licença para isso) e despedir ao povo, mas omitindo a bênção (privativa de bispos e sacerdotes); casar, mas sem pronunciar a Grande Bênção (própria só de bispos e sacerdotes); nos Ofícios Diários, presidi-los mas no Momento Penitencial não



absolver e sim fazer uma declaração de perdão e ao final não abençoar, mas pronunciar a "Graça", forma bastante usual de terminar Ofícios diários na tradição anglicana. Como vestes: além das tradicionais, passou a usar a estola cruzada desde o ombro esquerdo ao lado direito, e a dalmática, como insígnias de sua ordem⁵⁹73.

d) *As diaconisas e suas funções* - Já vimos os motivos por quê o ministério das diaconisas tinha caído totalmente em desuso e algumas das razões que levaram à mesma. A situação persistiu durante a Reforma até a restauração da Ordem em 1861, quando Elisabeth Ferard foi ordenada pelo bispo de Londres, Archibald Tait (1811-82), o que serviu para o ressurgimento da Ordem nos EUA. Na Igreja de Inglaterra a Ordem era descrita como "um ministério ordenado para as mulheres, e ao qual são admitidas pela imposição de mãos do bispo e que lhes confere um *status vitalício*".⁶⁰ Porém suas funções litúrgicas eram mínimas e a ênfase estava colocada no serviço (*diakonia*) aos necessitados, doentes, órfãos. As maiores possibilidades litúrgicas eram dadas a aquelas que viviam em comunidade. Foi recém na segunda metade do séc. XX que, devido a mudanças teológicas e culturais, começou a mudar também a visão do ministério feminino, com a igualdade de funções entre homens e mulheres, pelo menos em parte das Províncias da Comunhão Anglicana. Não há neste momento maiores problemas sobre o diaconato feminino. Onde persistem as diferenças é na sua possibilidade de aceder ao presbiterado e ao episcopado (os países da Província do Cone Sul, por exemplo, só admitem mulheres ao diaconato).

⁵⁹ Várias fontes: W. KNOTT, *Ritual notes*, p. 302-3; 280-309; F.L. CROSS, *op. cit.* *Verbete Deacon*, p. 377 ECUSA: *Book of Common prayer, additional rubrics to Eucharist*, p. 330; GREGORY DIX: *The Shape of the Liturgy*, ch. XII, p. 402 ss e *Notes 5-6* in p. 402; JAMES M. BARRETT, *The Diaconate – a full and equal Order*, p. 377s.

⁶⁰ W. KNOTT, *op. cit.* P. 241-4, 250-64, 269-70, 272-278, 280-309.



Uma ajuda litúrgica: os "Manuais" de Rituais.- Os Manuais, livros especializados aptos para ensinar o ritual, surgiram como resposta à necessidade de enfrentar a crescente complexidade do cerimonial religioso, guiar aos seminaristas no domínio do mesmo, dar segurança nas celebrações e cumprir também uma missão unificadora e de difusão do mesmo. O mais importante e completo deles foi publicado em 1894 sob o nome inglês de *Ritual Notes – A comprehensive guide to the Rites and Cerimonies of the Book of Common Prayer of the English Church, interpreted in accordance with the latest revisions of the Western Use*. Ele é similar a livros romanos na matéria, e nas suas 387 páginas contém não só cerimonial (minucioso e até com diagramas e plantas) mas também o estudo da mobília, vestes, cores, ano cristão, formas litúrgicas, celebrações eucarísticas, cultos ocasionais, festas cristãs, exéquias, e um Pontifical. É um dos mais completos em seu gênero, e ainda que em parte superado pelas reformas litúrgicas dos anos '70 e '80 continua sendo um valioso auxiliar. É neste período que nasce também a ciência litúrgica como um ramo da Teologia e são escritas obras clássicas de pesquisa, como *The Shape of the Liturgy* (1945), do monge beneditino anglicano Dom Gregory Dix. O séc. XX viu também o surgimento dos Movimentos de Renovação Litúrgica, já desde os anos '20 e o desejo de reexaminar a Liturgia como um todo, voltando "ad fontes" e recuperar assim uma identidade comum mas plural, o que tinha se perdido quando a Reforma do séc. XVI.

O período de 1980 em diante.- É um período caracterizado não por mudanças dramáticas de estilo como o anterior, mas de um grande aprofundamento na ciência litúrgica. A data foi escolhida porque nos anos 1979 e 80, como conseqüência da mudança dos paradigmas eclesiológicos em diferentes Igrejas cristãs, quebra-se a



uniformidade cultural dos LOCs inglês e americano de 1662 e 1789 respectivamente, vigentes até esse momento, e após quase duas décadas de ensaios e tentativas adotam-se formas de culto com expressões mais de acordo com os novos tempos, as novas visões de Igreja, os avanços da ciência litúrgica e a universalidade da Comunhão Anglicana, que já tinha transcendido de seu berço anglo-saxão, e se espalhado pelo mundo afora, em culturas totalmente diferentes das originárias (Ásia, Íbero-Luso-América, África). Aparecem assim novos LOCs nas diferentes Províncias, que seguem alguns princípios norteadores comuns: a) preservação da base escritural da liturgia; b) permitir flexibilidade no culto; c) contextualizar a liturgia; d) inclusividade em todos os níveis possíveis; e) abertura ao ecumenismo.

Outra característica da atual ciência litúrgica é a forte preocupação acadêmica pelo tema, a quantidade de publicações especializadas, a existência de sociedades ecumênicas como a *Societas Liturgica*, verdadeira Academia Internacional Ecumênica de Liturgia, e eventos mundiais, como as reuniões da Comissão Internacional Anglicana de Liturgia a cada quatro anos e suas recomendações para toda a Comunhão, além de Congressos e reuniões a nível Provincial e Regional.

Conclusões

1) Fazer este trabalho foi uma “*peregrinatio ad fontes*”, não por empenho de antiquário ou de esteticista, mas para melhor compreender as atuais liturgias, nos seus acertos e nas suas práticas erradas ou duvidosas, e para melhor trabalhar na



mudança de conceitos de teologia litúrgica que inibem expressões litúrgicas comunitárias ou de apoiar àqueles que deveriam estar presentes no culto e por razões diversas não estão nele.

2) A caminhada aos nossos primórdios é também um poderoso meio para ajudar nos esforços em prol da unidade eclesial.

3) O fato da recuperação do elemento simbólico – sacramental e a integração de todo o ser humano, (não só o nosso intelecto) no ato de adoração, e que está, mais do que nunca, no centro de toda boa liturgia.

4) Uma clara consciência da continuidade histórica, evidenciada na preservação dos ministérios ordenados, no seu número e nos seus nomes.

5) A presença do feminino no ministério, mais forte, ainda que limitado, nos primeiros séculos da Igreja, seguido por um longo eclipse, até sua reaparição a mediados do séc. XIX.

6) A escassez e sobriedade dos textos no que se refere às funções litúrgicas das mulheres, não tendo podido achar documentação sobre funções episcopais femininas. Gostaria de poder trabalhar mais aprofundando nas razões dessa situação de exclusão, que é, ainda hoje, uma realidade em vários lugares da nossa Comunhão.

7) A opinião de que, em parte, a preservação de certos elementos antigos na liturgia anglicana clássica e a continuidade dessa linha de ação nos formulários anglicanos atuais, deve-se a um estudo e compreensão dos Santos Pais e Mães da Igreja, especialmente de seus escritos que incluem temas litúrgicos.

8) Que não há testemunhos de ordenação “per saltum” ao presbiterado ou ao episcopado. O “cursus” começa sempre pela ordenação ao diaconato, e ainda que o



tempo de permanência nele seja muito breve, é a passagem obrigatória para o presbiterado. Ninguém tem sido presbítero sem antes ser diácono. A obrigatoriedade de percorrer o "iter" tem um exemplo clássico e famoso em Ambrósio, que ao longo de uma semana foi batizado e ordenado sucessivamente de diácono, presbítero e bispo. Essa insistência histórica e de compreensão do percurso do ministério ordenado abre interrogantes sobre a validade da possibilidade apresentada em algumas Igrejas de preservar a ordem do Diaconato, e portanto, da ordenação, só para aqueles que querem permanecer como Diáconos permanentes. Nos demais casos, é visto que usualmente o diaconato é só um degrau para aceder ao presbiterado, a ordem seria eliminada, passando o candidato diretamente, do estado laical ao de presbítero. Parte da motivação deste trabalho é dar uma modesta contribuição para o tratamento desse tema. Somos cientes que não há respostas prontas para todas as interrogações. Elas irão surgindo aos poucos, com trabalho, partilha, oração e também com dor. Deus nos ajudará a discernir o que é melhor para a sua Igreja nestes tempos.

U. I. O . D. G.